

Os aprendizes de Inglês geral e instrumental e suas atitudes face à gramática

Joana de São Pedro¹

¹Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
joanasp@gmail.com

Resumo. *Este artigo é um recorte de uma pesquisa mais abrangente que investiga atitudes dos alunos de Inglês Geral e Instrumental do Centro de Ensino de Línguas de uma universidade pública face à gramática. Além disso, também apresenta algumas relações exemplares dessas atitudes com variáveis de sexo, área de conhecimento (humanas, exatas e biológicas) e tipo de Inglês (geral e instrumental). Por fim, traz algumas possíveis implicações pedagógicas de tal estudo.*

Palavras-chave. *Atitudes; gramática; correlações; implicações pedagógicas.*

Abstract. *This article is part of a major research on attitudes of General and Instrumental English students towards grammar. Those are learners at the Languages Center of a public university. Furthermore, some sample relations between those attitudes and some variables, such as sex, area of study (humanities, science and biology) and type of English (general or instrumental) are presented. Finally, some possible pedagogical implications are considered.*

Keywords. *Attitudes; grammar; correlations; pedagogical implications.*

1. Introdução

O presente trabalho está investigando as atitudes de aprendizes de Inglês geral e de Inglês Instrumental face à Gramática e seu aprendizado. É uma pesquisa de base que focaliza uma questão relevante para os desafios atuais que vêm sendo enfrentados no ensino e aprendizagem dessa língua, de forma a possibilitar propostas futuras de transformação na prática dos professores e na motivação dos alunos.

É de conhecimento de todos a importância primordial que a língua inglesa tem nos dias atuais, de tal forma que as pessoas procuram aprendê-la por muitas razões desde necessidades profissionais até o interesse pela cultura do povo falante da mesma e pela língua em si. Dessa forma, o estudo de como se ensina e se aprende línguas estrangeiras e o Inglês, em particular, vai se fortalecendo cada vez mais e muitas questões vão sendo levantadas. Uma das questões mais relevantes é o papel da gramática nesse processo de ensino e aprendizagem, a qual é tida como polêmica, visto que, por um lado, há aqueles que, seguindo uma linha mais tradicional, defendem seu ensino explícito, enquanto, por outro, há os que se contrapõem ao uso de explicações gramaticais em aula.

Além disso, como tema já abordado em outras pesquisas, há a preocupação com a crença existente na escola pública, por exemplo, de que aprender língua é aprender gramática e as implicações de tal visão para o ensino (Santos, 2001); ou ainda, as crenças de professores a respeito da gramática e do modo de ensiná-la, bem como o comportamento de um professor em particular lidando com a gramática em sala de aula (Carazzai, 2002).

Colocado esse panorama, em primeiro lugar, essa pesquisa se justifica pelo contexto de ensino e aprendizagem de língua estrangeira em que tantas vezes, a gramática e a comunicação ocupam posições ditas opostas e irreconciliáveis, levando à necessidade de uma reflexão mais apurada em torno do tema gramática na sala de aula de línguas (Cf. Larsen-Freeman, 1993).

Observamos que, embora haja muitas pesquisas que se preocupam com a maneira como a gramática vem sendo ensinada ao longo dos anos ou com o ponto de vista dos professores sobre o assunto, ainda são poucos os trabalhos que se voltam para a percepção que os aprendizes têm da gramática em si e não simplesmente das variadas abordagens para ensiná-la. Estas últimas se baseiam cada qual na visão de linguagem de seus adeptos, mas qual será a visão de linguagem e de gramática que tem sido construída nas mentes daqueles que são o alvo dessas abordagens, ou seja, os alunos?

2. Metodologia

Quanto à metodologia, em primeiro lugar, na tentativa de minimizar o direcionamento do pesquisador na posterior construção do questionário, foram feitas entrevistas orais semi-estruturadas com grupos de aprendizes de Inglês, que são graduandos nas diferentes áreas do conhecimento (humanas, exatas e biológicas), a fim de coletar as opiniões dos próprios alunos a respeito da gramática e do seu aprendizado. Essas idéias foram usadas para construir o questionário propriamente dito, o qual foi composto por 100

declarações, tanto com conotações negativas quanto positivas com relação à gramática. Além disso, foi elaborado um cabeçalho em que se solicitaram informações demográficas a respeito de cada participante, tais como idade, sexo, área do conhecimento, nível de Inglês e assim por diante.

O questionário foi respondido por 335 alunos, os quais não precisaram se identificar e tinham a liberdade de não aceitar participar da pesquisa. Eles expressaram o seu grau de concordância com cada uma das 100 idéias expressas no questionário numa escala tipo *likert* de 1 a 7, sendo 1 o mais baixo, 7 o mais alto e o 4 indiferente. Posteriormente os resultados foram submetidos a uma análise fatorial que gerou 30 fatores independentes, os quais foram correlacionados com as variáveis de sexo, área do conhecimento e tipo de Inglês (Geral ou Instrumental).

3. Análise dos dados

Dois procedimentos estatísticos foram aproveitados na análise dos resultados. O primeiro foi uma análise fatorial feita pelo programa SAS 8.2 (*Statistical Analysis System*). E o segundo foi uma análise de variância (ANOVA – *Analysis of Variance*).

A análise fatorial tem uma longa história, a formulação matemática básica para ela foi proposta por Spearman (1904, apud Woods, Fletcher e Hughes, 1986), como um meio de investigar a estrutura da inteligência. Compõe-se de técnicas destinadas a analisar os escores ordenados de um certo tipo de teste, com o objetivo de identificar os fatores subjacentes. Essas técnicas se baseiam na suposição de que as respostas (ordenadas) a um conjunto grande de itens isolados possivelmente revelarão aspectos subjacentes que agruparão itens correlacionados ou semelhantes do ponto de vista dos sujeitos como um todo (Hatch e Farhady, 1982).

Os itens vistos como semelhantes pelos participantes de uma pesquisa se agrupam em fatores. E a interpretação desses agrupamentos e a nomeação de tais fatores são o cerne da análise fatorial (Hatch e Farhady, 1982). A tarefa do pesquisador consiste, portanto, em atribuir nomes aos fatores, de tal modo que caracterizem o mais precisamente possível aquilo que está por trás dos agrupamentos das respostas dos indivíduos. A interpretação inicial é difícil devido aos elementos intermediários existentes. O que frequentemente acontece é que há fatores para os quais não existe um rótulo coerente e atraente, os itens que os compõem têm algo em comum, acusado pelo programa, apesar de essa ligação não ser perceptível de imediato. Tanto no caso de uma percepção mais fácil das similaridades quanto em uma visualização mais difícil, impera a intuição do pesquisador. (Cf. Hatch e Farhady, 1982 e Cattell, 1978).

No caso desta pesquisa, em particular, a nomeação dos fatores foi mais árdua do que o esperado pela gama tão variada de opiniões que surgiram a partir das entrevistas. No entanto, as concepções que se revelaram confirmam elementos já esperados e trouxeram outros novos. A análise de tais dados é muito longa e profunda, logo apresentamos aqui apenas alguns exemplos de fatores como um recorte dos resultados obtidos.

Como já mencionado, cada fator é composto por vários itens do questionário respondido pelos alunos e se configura da seguinte maneira:

Tabela 1. Exemplo de fator

Rótulo do Fator	Itens que o compõem
PRAZER	Eu gosto de aprender a gramática do Inglês
	Aprender a gramática de uma língua estrangeira é agradável
	O estudo da gramática do Inglês não me atrai (carga negativa)
	O estudo da gramática do Inglês é estimulante
	É interessante estudar a gramática de uma língua estrangeira

É importante destacar que os itens estão dispostos em ordem decrescente de importância, incluindo o item negativo que significa o oposto do que está declarado. No caso desse fator específico (prazer), a nomeação foi relativamente fácil porque os itens estão claramente relacionados entre si. No entanto, diante da dificuldade de nomeação de determinados fatores, fez-se necessário dar mais atenção para os itens de carga mais alta, ou seja, os primeiros do fator.

Assim sendo, entre os rótulos dos fatores, como exemplos mais interessantes, temos “prazer” (valorização da gramática como algo atraente); a “*dificuldade da aprendizagem da gramática*” (o aprendizado da gramática do Inglês e de outras línguas tido como uma tarefa desafiante que exige paciência); em contrapartida a este último, tem-se “*a facilidade da gramática do Inglês*” (a gramática do Inglês e, não propriamente o seu aprendizado, é tida como fácil se comparada à gramática do Português); “*o papel da gramática na educação formal*” (o fato de as provas ainda serem baseadas na gramática) e “*a reação ao tratamento da gramática nas escolas*” (a influência que o tratamento da gramática do Português na escola traz para o ensino e aprendizagem da gramática do Inglês).

Gerados os fatores, foi feita a análise de variância (ANOVA), a fim de que as correlações com sexo, área de conhecimento e tipo de Inglês fossem identificadas. Nesse tipo de análise, existe uma variável dependente sendo enfocada, neste caso, a gramática, e as outras variáveis (sexo, por exemplo) são estudadas por possibilitarem o esclarecimento da influência dessa variável específica. O objetivo dessa análise é detectar se há diferenças decorrentes da pertença a uma sub-população (a de mulheres, por exemplo) ou se as diferenças detectadas são devidas ao acaso. Se os dados acusam que as diferenças são estatisticamente significativas, então o acaso é descartado e comprova-se a existência de diferenças reais, ou seja, sub-populações distintas (El-Dash, 1993).

A partir dos nossos dados, portanto, detectamos a existência de sub-populações distintas de sexo, por exemplo, para o fator “*prazer*”, de tal forma que as mulheres tendem a achar a gramática mais atraente do que os homens, fato este que era de se esperar porque já num estudo anterior, El-Dash e Busnardo (1994) já haviam percebido que as mulheres procuram aprender línguas, mais especificamente o Inglês, pelo prazer, principalmente no que se refere à interação pessoal.

Com relação à área do conhecimento, o que se destaca é o fator “*A dificuldade da aprendizagem da gramática*” em que os alunos de Letras e Linguística se distinguem em oposição a todos os outros, inclusive de outros cursos de humanas, por não consideraram difícil o aprendizado da gramática. E a nossa interpretação para esse fenômeno é a possibilidade de eles acreditarem que a gramática pode ser aprendida de forma natural, no contexto da comunicação e esse tipo de concepção pode advir de sua formação que leva a uma reflexão sobre o aprendizado, a qual talvez tenha sido conduzida a extremos. Extremos esses que não consideram a interferência de outros fatores numa aprendizagem naturalista da língua.

Finalmente, no que diz respeito ao tipo de Inglês (Geral ou Instrumental), temos, entre outras, uma diferença quanto ao fator “*o papel da gramática na educação formal*”, o qual tende a ser mais valorizado pelos que fazem Inglês Geral em contrapartida a uma neutralidade dos alunos de Instrumental. Levando em conta o item mais representativo desse fator que é “a maioria das provas de língua estrangeira ainda é baseada na gramática”, percebe-se que os alunos de Inglês geral têm mais elementos para opinar sobre tal fato, visto que eles desenvolvem as quatro habilidades linguísticas (compreensões oral e escrita, produções oral e escrita) e o que os leva a perceber que as provas não condizem com a prática da sala de aula, na qual a gramática não é elemento único. Já os alunos de Inglês Instrumental, embora se valham da gramática como ferramenta para analisar o texto, fazem provas sempre voltadas para a compreensão textual, o que não lhes permite ter uma posição mais formada com relação à idéia expressa por esse fator.

4. Considerações Finais

Constatado o fato de que os aprendizes concebem a gramática de forma diferente conforme algumas variáveis, no caso deste estudo, sexo, área do conhecimento e tipo de Inglês (geral ou instrumental), concluímos que as atitudes distintas entre os aprendizes podem ser tratadas como se tratam as diferenças individuais (sejam afetivas como a ansiedade ou cognitivas como o estilo de aprendizagem) numa sala de aula de línguas:

“Acredita-se, pois, que, mesmo havendo muitos aprendizes semelhantes em uma sala de aula, o processamento da linguagem é uma questão fortemente individual”.

(Garrett, 1991, p.82).

Dessa forma, a presente pesquisa quer ser uma base para uma reflexão mais profunda do professor a respeito da maneira como os seus alunos podem conceber a gramática e de seu próprio trabalho, possibilitando a abertura para novas maneiras de lidar com a gramática que se afinem com as diferentes atitudes encontradas na sala de aula,

evoluindo assim em sua prática pedagógica. Logo, as nossas expectativas com relação aos nossos resultados são:

- Espera-se que o presente trabalho possa contribuir para uma maior motivação dos alunos no aprendizado de LE, a partir do conhecimento que o professor poderá ter a respeito das atitudes dos alunos;
- Espera-se que os próprios alunos sintam-se mais confortáveis com o aprendizado por saberem que suas atitudes são compartilhadas por outros indivíduos e compreendidas por seus professores.

5. Referências Bibliográficas

- CARAZZAI, Maria Regina Pawlas. *Grammar and grammar teaching: a qualitative study of EFL teachers' beliefs and behaviors*. 2002. 143 f. Dissertação (Mestrado em Letras), UFSC, Florianópolis, Santa Catarina.
- CATTEL, Raymond Bernard. *The scientific use of factor analysis in Behavioral and Life sciences*. USA: Plenum Press, 1978.
- EL-DASH, Linda Gentry. *Compreensão auditiva em língua estrangeira: efeito de visuais e atitudes*. Tese (doutorado em Ciências). 1993. s.n. Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, São Paulo.
- EL-DASH, Linda Gentry and BUSNARDO, Joanne. *Brazilian Orientations to English: Interpreting Integrativeness and Instrumentality*. V International Conference on Social Psychology of Language, Brisbane, Australia, p. 2-31, July 6-9, 1994.
- GARRETT, Nina. Theoretical and Pedagogical Problems of Separating "Grammar" from "Communication". In Freed, Barbara F. (ed). *Foreign Language Acquisition Research and the Classroom*. USA: Heath and Company, 1991. p. 74-87.
- HATCH, Evelyn and FARHADY, Hossein. *Research design and statistics for applied linguistics*. USA: Newbury House Publishers, Inc, 1982.
- LARSEN-FREEMAN, Diane. A non-hierarchical relationship between grammar and communication. Part I: Theoretical and methodological considerations. In Alatis, James E. (ed). *Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics 1992. Language, Communication and Social Meaning*. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 1993. p. 158-173.
- SANTOS, Edley Matos dos. *Gramática e língua estrangeira numa escola de ensino médio: o que se ensina*. 2001. 182 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), UNICAMP, Campinas, São Paulo.
- WOODS, Anthony, FLETCHER, Paul and HUGHES, Arthur. *Statistics in language studies*. Great Britain: Cambridge University Press, 1986